

HIGIENE EM FOCO: FLORENCE NIGHTINGALE E OS HIGIENISTAS

Graziele Adrieli Rodrigues Pires (PIBIC/FA); Lilian Denise Mai (Orientadora);
Ketelin Cristine Santos Ripke; Roselania Francisconi Borges
e-mail: graziele_rodriguespires@hotmail.com.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências da Saúde / Maringá,
PR.

Área e subárea do conhecimento conforme tabela do [CNPq/CAPES](#):
Ciências da Saúde, Enfermagem.

Palavras-chave: higiene, ciência, política de saúde

Resumo:

O objetivo foi identificar aspectos de historicidade nas concepções de higiene em Florence Nightingale e nos higienistas. Metodologia qualitativa, mediante pesquisa documental e bibliográfica, com leitura do livro “Notas sobre enfermagem”, de 1859, e referências sobre o movimento higienista construído no Brasil no início do século XX. Como resultados, as diferenças de concepção foram exemplificadas com as expressões ‘casa insalubre’, no caso de Nightingale, e ‘país insalubre’, no caso dos higienistas, de modo a explicitar alguns alcances e limites em torno da higiene. Conclui-se que a importância da higiene foi apontada e consolidada, ao mesmo tempo em que se explicitaram os limites históricos da socialização de seus benefícios.

Introdução

A higiene, ou a falta desta, está muitas vezes relacionada a inúmeras doenças e agravos no campo da saúde. Historicamente, observa-se a sua importância e influência no pensamento de pessoas notoriamente conhecidas e em muitas práticas sociais. Um exemplo são os profissionais de enfermagem que têm como referência o nome de Florence Nightingale, para quem a importância de cuidados de higiene e cuidados gerais para a manutenção e recuperação das condições de saúde era uma premissa (NIGHTINGALE, 1989). Outro exemplo foi o esforço dos higienistas ao final do século XIX e início do século XX em defesa da higiene para a construção de uma nação forte e sadia (BOARINI, 2003). E, é nesse aspecto que se concentra o presente projeto de pesquisa, ou seja, pergunta-se pela interface do pensamento de Florence Nightingale com o ideário higienista que lhe foi seguidamente contemporâneo, na busca pela compreensão de sua recomendação quanto às práticas de higiene, do uso que delas era feito e das razões que as justificavam. O objetivo foi identificar aspectos de historicidade nas concepções de higiene em Florence Nightingale e no ideário higienista.

Materiais e métodos

Tratou-se de investigação de caráter histórico, abordagem qualitativa, pautada em pesquisa documental e bibliográfica. Buscando correlacionar os ensinamentos de Florence Nightingale quanto à prática de higiene frente ao ideário higienista do final do século XIX e início do século XX, as fontes foram o livro “Notas sobre enfermagem”, de 1859 (NIGHTINGALE, 1989), bem como obras representativas do movimento higienista, como teses, dissertações e outras produções capazes de responder à questão de pesquisa. Os dados foram selecionados, lidos e organizados em duas categorias empíricas. As diferenças e semelhanças de concepção em torno da higiene foram exemplificadas com as expressões ‘casa insalubre’, no caso de Nightingale, e ‘país insalubre’, no caso dos higienistas, explicitando alguns alcances e limites em torno dessa prática.

Resultados e Discussão

Florence Nightingale, considerada a precursora da Enfermagem Moderna e, desde sua formação, em 1851, munida com conhecimentos avançados para a época, acreditava que a falta de higiene gerava sintomas, que não a doença em si, sendo as moléstias condições provenientes umas das outras. De acordo com sua teoria, nominada posteriormente de ‘teoria ambientalista’, o ambiente era tanto fonte de saúde quanto gerador de fatores produtivos ou agravantes de sintomas e doenças e, o enfermo, quando já acometido, era incapaz de mudar as condições que o cercavam, a exemplo do ar, iluminação, temperatura, silêncio, fumaça, cheiro, intoxicação e outros (NIGHTINGALE, 1989). Nessas circunstâncias, ela defendia uma enfermagem que assumisse um papel fundamental para a regulação da saúde e o combate insistente às “casas insalubres”, por meio da limpeza, ar puro e uma assistência contínua, criteriosa e humana. Maus hábitos de higiene e limpeza eram enfaticamente denunciados e condenados, devendo-se primar por ações e atitudes que perpassassem todas as classes sociais, uma vez que a doença poderia acontecer e acontecia para todos, e que costumes deveriam ser modificados em prol de resultados mais saudáveis. A casa era um ambiente de cuidado aos doentes e, como tal, devia seguir princípios de higiene, os quais mostravam-se pouco presentes, por exemplo, nas casas ricas, quando tapetes, cortinas e sujeiras geravam agravos; e, em casas pobres, quando falta de saneamento e alimentos agravavam ainda mais as condições de saúde.

Da mesma forma, os hospitais, nos quais deveriam ser respeitadas medidas sanitárias básicas e de higiene, como desinfecção de leitos e roupas dos feridos; iluminação natural; ventilação; diminuição de odores, calor e ruídos; além da melhoria das dietas hospitalares e manutenção das enfermarias (FONTANA, 2006). Como idealista de sua época, Florence considerava que a arquitetura, além da higiene, era responsável pela redução da taxa de mortalidade do hospital, por permitir a dispersão dos miasmas e do ar nocivo, conceitos científicos ainda presentes na época como causadores de doenças. Em 1854, durante a Guerra da Crimeia, ela obteve maior reconhecimento e respeito social na Inglaterra, ao diminuir as taxas de mortalidade de 42,7% para 2,2% com a implantação de medidas sanitárias

básicas e de higiene (FONTANA, 2006). Contribuindo para as bases da epidemiologia, seus conhecimentos e práticas geraram muitas melhorias das condições dos serviços de saúde ingleses, sendo ainda hoje uma importante referência na área (COSTA et al, 2009).

Já a categoria “país insalubre”, associada ao ideário higienista, do final do século XIX e início do século XX, expressa um movimento de defesa da higiene que avançou ao longo das décadas, assumindo vários contornos e estabelecendo um campo de atuação mais amplo se comparado à obra de Nightingale, especialmente para além de casas e hospitais. Embora as descobertas na área da ciência pudessem comprovar que, diferente do que acreditava Florence, as doenças não eram transmitidas por meio dos miasmas advindos do ar e sim da existência de organismos causais ou micróbios transmissores de infecções, isso não desqualificou a necessidade da higiene no combate às doenças. Ao contrário, intensificou e delimitou com mais clareza as origens de grande parte dos males, estando entre os principais vilões à saúde a insalubridade do ambiente, das moradias, dos alimentos e do saneamento básico (BOARINI, 2003).

Contudo, tendo em vista os higienistas brasileiros, inclusive porque eles vivenciaram no Brasil ideias e práticas circulantes especialmente na Europa e Estados Unidos em torno da chamada ‘ciência’ da higiene, pode-se afirmar que sua atenção foi muito além das questões ambientais e físicas concentradas no âmbito individual. Os coletivos foram alvo de críticas e necessidade de intervenção, em uma época em que o país vivenciava o início do processo de urbanização e industrialização, habitado por uma vasta população negra, indígena ou miscigenada, muitos, inclusive, recém-saídos do sistema escravista. Em meio a um quadro sanitário extremamente precário e baixos níveis de escolarização, tal contexto passou a ser visto pelo Estado e pelos higienistas como um entrave para o tão almejado desenvolvimento nacional, dando origem a uma luta em prol da melhoria das condições de vida de habitação, tanto em zonas urbanas quanto rurais, em busca de uma nação forte e sadia (BOARINI, 2003).

No entanto, contingências históricas transformaram a prática da higiene em uma questão de civilidade e, para além da manutenção da saúde física, produziram desdobramentos ideológicos significativos em meio a esse movimento sanitaria e higienista (BOARINI 2003). Dois aspectos ficavam evidentes. Um, enfatizava que, além das questões físicas e ambientais, as questões morais e comportamentais deveriam ser ensinadas e monitoradas, sendo estabelecida uma relação da higiene com vários fatores, como meio ambiente, clima tropical, miscigenação, e outros. Ganhava força a idéia de um “país insalubre”, diante do qual era necessário estabelecer um plano rápido, efetivo e duradouro para a regeneração da população brasileira, tendo como ponto de partida a implementação de uma higiene de caráter preventivo, por meio das reformas sociais e combatendo os vícios, as doenças hereditárias, ensinando a higienização e controlando os fatores disgênicos por meio da implementação do saneamento ambiental e racial. Outro aspecto enfatizava que a incapacidade do povo mestiço nada tinha com a raça, mas sim com as doenças que lhe tiravam as forças e que o

sertanejo era vítima das circunstâncias, necessitando o país de verdadeiras políticas públicas centradas no saneamento básico. (FIGUEIREDO et al, 2016). Assim, já confirmada a origem de doenças associada aos microorganismos e considerando-se a higiene uma ciência, avanços nessa área somaram-se a um movimento de higienização social, tendo a família e a escola como principais instituições promotoras de tais ideais, em que eram desconsideradas as condições práticas para alcançar bons padrões de higiene e sem que houvesse de fato mudanças substanciais nas condições geradoras de doenças.

Conclusões

As categorias analisadas abordaram aspectos de contexto histórico, temáticas correlacionadas e resultados dos esforços em defesa da higiene. Considerando os dois expoentes estudados, Florence Nightingale e o movimento higienista, ambos reforçavam a importância da higiene e sua indispensabilidade para a garantia de uma saúde efetiva e melhor qualidade de vida. A higiene poderia salvar vidas, prevenir doenças e restaurar os feridos. Contudo, épocas diferentes, com avanços científicos e contextos distintos, ao mesmo tempo, sinalizam para os limites ideológicos que acompanharam tal conceito ao longo da história, de modo a limitar a socialização de benefícios individuais e coletivos de sua prática, especialmente no início do século XX, quando a ciência de modo incipiente já dava conta de explicitar a causalidade das doenças. Espera-se que o estudo contribua para uma reflexão crítica dos diferentes contextos que ainda hoje geram doenças e agravos, para os quais medidas de higiene são essenciais, muitas vezes ausentes frente à fragilidade de políticas públicas e baixos níveis de desenvolvimento educacional, econômico, social e cultural.

Agradecimentos

À Fundação Araucária, pelo incentivo e apoio financeiro, e ao Grupo de Estudos e Pesquisas Higiene Mental e Eugenia (GEPHE), pela disponibilização de fontes bibliográficas e contribuições para o estudo.

Referências

- BOARINI, M.L. **Higiene e raça como projetos:** higienismo e eugenia no Brasil. Maringá: Eduem, 2003.
- NIGHTINGALE, F. **Notas sobre enfermagem:** o que é e o que não é. São Paulo: Cortez; 1989.
- COSTA, R.; PADILHA, M.I.; AMANTE, L.N.; COSTA, E.; BOCK, L.F. O legado de Florence Nightingale: uma viagem no tempo. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, vol. 18, n. 4, p. 661-669, 2009.
- FONTANA, R. T. As infecções hospitalares e a evolução histórica das infecções. **Revista Brasileira de Enfermagem**, vol. 59, n. 5, p. 703–706, 2006.
- FIGUEIREDO, F. B. et al. **Higiene/eugenia:** a saúde pública no início do século XIX sob os olhares de Belizário Penna e Renato Kehl. Rio de Janeiro; 2016.